



ISSN 9771-5182
#3/2023
R\$689,90

ESPECIAL
**DAVID
BASTOS**



A arte está
nos olhos de
quem vê

ISSN 9771-5182
#3/2023
R\$689,90

ESPECIAL
**DAVID
BASTOS**



+ Mariana Ximenes e as mulheres nas artes

MULHERES NO DESIGN

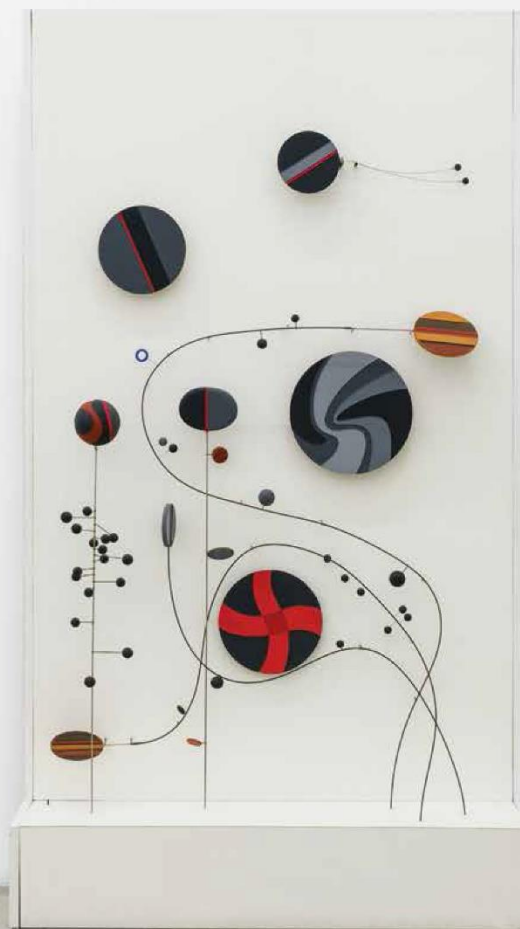
A VEZ E A VOZ DELAS

PARA MUITO ALÉM DAS ESTEREOTIPIAS DE GÊNERO E PAPEL SOCIAL, FLD APRESENTA MAIS UM MAPEAMENTO CRIATIVO COM HISTÓRIAS DE MULHERES INSPIRADORAS QUE DESPEJAM LUZ SOBRE A JORNADA FEMININA NOS SEGMENTOS DE DESIGN, ARTES E ARQUITETURA

TEXTO ANA PAULA DE ASSIS

A essa altura do campeonato, não dá para questionar mais que estamos alicerçados sobre um sistema patriarcal, que, para muito além de separar a civilização entre “meninas vestem rosa/meninos vestem azul”, favorece os homens em todas as instâncias de poder – não seria, portanto, diferente nos setores do design, das artes e da arquitetura.

Exemplo tangível: o prestigiado Pritzker, considerado o “Nobel da Arquitetura”, desde sua criação em 1979, teve somente três mulheres premiadas – sem que estas precisassem repartir o mérito com sócios masculinos. Zaha Hadid (1950-2016), do Iraque, em 1994; e a dupla irlandesa Yvonne Farrell e Shelley McNamara, em 2020. Ou seja, dos 44 laureados, 41 são homens. Na ponta do lápis, as mulheres aqui representam míseros 7%. Essa mesma lógica invertida vale para o design, a exemplo da atuação de Anna Maria Niemeyer (1930-2012), arquiteta, designer, galerista e filha de Oscar Niemeyer (1907-2012), que co-assinou peças icônicas como a chaise Rio e atuou também na construção de Brasília ao lado do pai. Pouco, quase nada, se credita à sua autoria. A francesa Charlotte Perriand (1903-1999) teve participação fundamental no escritório de Le Corbusier (1887-1965). O arquiteto suíço a convidou para colaborar no traço da clássica chaise LC4 (dizem que a autoria do móvel é todinha dela, que nem sempre recebe o devido reconhecimento). Outro caso de estudo é o casal norte-americano Charles & Ray Eames. Muitos até pensam que se trata de uma única pessoa, mas a verdade é que a força de Ray (1912-1988) foi fundamental para potencializar a vinda da parceria. Teve ainda Eileen Gray (1878-1976), a mulher que projetou sozinha, entre 1926 e 1929, a Vila Modernista E-1027, nos Alpes franceses, para a qual criou sob medida uma série de mobiliário, como a mesa lateral homônima, considerada peça-síntese do minimalismo funcional. Também à sombra do marido, Aino Maria Marsio-Aalto (1894-1949), casada com Alvar Aalto (1898-1976), foi quem projetou os interiores, mobiliário e a colorimetria única de Paimio – sanatório/obra-prima da arquitetura medicinal, considerada a construção-base do modernismo finlandês. Em ambos os lados do balcão, das locomotivas criativas às propulsoras, fomentadoras e empresárias do setor, FLD apresenta um pequeno compêndio de mulheres superpoderosas que são ponto fora da curva nas áreas de arquitetura, design e artes, demonstrando que o lugar delas é precisamente onde elas querem estar.



NARA ROESLER

A GALERISTA ESTÁ NO MERCADO HÁ MAIS DE 40 ANOS.

Nara deu os primeiros passos na área ainda no Recife, onde nasceu, fundou e dirigiu sua primeira galeria. Promoveu em sequência eventos culturais no Rio de Janeiro e, em 1989, fundou em São Paulo o próprio endereço, hoje um dos mais relevantes, representando artistas brasileiros e gringos, a exemplo de Abraham Palatnik, Artur Lescher, Julio Le Parc, Amélia Toledo, Tomie Ohtake entre outros. “Acredito que, como mulher, trazemos para a nossa atuação profissional um olhar apurado e uma habilidade de lidar com situações diversas que se apresentam no dia a dia, aspectos fundamentais para ter sucesso em um ambiente tão complexo. Características como resiliência, sensibilidade e determinação são cruciais para construir uma jornada neste meio, descobrindo e promovendo talentos, criando pontes entre diversos agentes, ao mesmo tempo em que buscamos nos manter antenadas com o mundo à nossa volta”, ressalta.

@nararoesler

Obra: Artur Lescher, Lila Lev, 2002

Recife: Divulgação

COM ÊXITO EM SUAS CARREIRAS INDIVIDUAIS, as designers Camila Fix, Flávia Pagotti Silva e Rejane Carvalho Leite entrelaçaram suas expertises, em 2016, para compor a premiada Plataforma4. O coletivo de design autoral deu tão certo que elas inauguraram um hub multidisciplinar no Baixo Pinheiros, São Paulo. “Bem estruturadas, abraçamos novos projetos com potencial para atender à indústria e ao cliente final”, ressaltam. Elas enxergam o design em 360 graus, fomentam pilares como a economia circular e a sustentabilidade em trabalhos de diversas escalas para marcas expressivas como Líder, Tramontina, Azzurra, além da produção própria. “A ideia inicial era nos unir para potencializar toda a cadeia do design. Entre nós, há um consenso que a soma dos nossos repertórios torna os projetos mais ricos. Dentro do contexto, entendemos que houve uma evolução da presença feminina no circuito da arquitetura e do design”, concluem.

@plataforma4

CLAUDIA MOREIRA SALLES

POUCOS CRIATIVOS PLASMAM CONSISTÊNCIA E ELEGÂNCIA EM FORMA E FUNÇÃO COMO CLAUDIA.

Formada pela Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), em 1978, ela deu seus primeiros passos no mundo artesanal no MAM RJ, desenvolvendo mobiliário para escolas públicas. Mas foi em São Paulo que a criativa decidiu abraçar de vez seus projetos autorais, formando parceria de sucesso com a designer e empresária Etel Carmona, que havia acabado de criar uma fábrica para resgatar técnicas tradicionais de marcenaria. O que viria na sequência é uma história que se conta por meio de um repertório sólido, que vai além de móveis e inclui também acessórios como luminárias e objetos únicos. Sem medo de explorar novas possibilidades, ela utiliza materiais como pedra, concreto moldado e cobre para contracenar com a madeira, a alma de sua produção. Questionada sobre como rompeu barreiras no metiê, vai direto ao ponto: “Meu envolvimento com o design começou nos anos 80. Para minha surpresa, nunca senti preconceito por parte dos meus colegas ou dos artesãos, que sabiam que eu tinha muito a aprender. Acredito que quando você respeita as pessoas e o ofício, cria-se uma parceria que vai além de qualquer preconceito”.

@claudiamoreirasalles

Recife: Divulgação

PLATAFORMA 4





ADÉLIA BORGES

Retrato: Mariana Chama

FIGURA MOTRIZ NOS BASTIDORES DO DESIGN, a mineira radicada em São Paulo desde os anos 1970 se tornou uma verdadeira referência como pesquisadora, historiadora e crítica de design. Com olhar aguçado, tem a bússola para descobrir, impulsionar e promover trabalhos de comunidades que nem sempre estão nas vitrines do mainstream. Além disso, Adélia é formada em jornalismo pela ECA (USP) e já foi editora do renomado jornal “Mulherio”. Criada em 1981, a publicação apartidária tinha como objetivo discutir os direitos das mulheres em plena ditadura, contando com nomes de peso como Ruth Cardoso e Lélia Gonzalez. “A cena mudou ao longo dos anos, com uma evolução na representação feminina no mundo da arquitetura, artes e design. É importante reforçar essa presença e continuar lutando por mais igualdade e visibilidade”. Tamanha é a sua influência e contribuição nesse campo que ela se tornou a primeira mulher a receber o título de Doutora Honoris Causa em Design pela Unesp.

@borges_adelia

Retrato: Divulgação

SIMONE QUINTAS

A JORNALISTA ESPECIALIZADA EM ARQUITETURA tem experiência reconhecida por vinte anos à frente da revista Casa e Jardim. Foi quando Simone deu um plot twist na trajetória ao assinar a curadoria da Semana Criativa de Tiradentes. Inaugurado em 2017, o festival de design exalta o legado do artesanato popular de boa procedência com técnicas ancestrais que estavam sendo esquecidas, por meio de intercâmbio de saberes entre designers aquilatados e mestres artesãos do circuito mineiro. “Pelo recorte curatorial do segmento, há exceções, mas esses projetos são pouco plurais, na contramão dos tempos atuais. Recentemente, fiz parte de um bate-papo com gente que superadmiro, aliás, mas eram cinco homens e eu. Estava confortável, fui ouvida e respeitada, mas o grupo estava desequilibrado. É como temperar o feijão só com sal. Dá certo, mas não tem borogodó. Porque a gente nunca vai ter discussões amplas apenas com um olhar. Trazer mais mulheres só não é mais urgente do que trazer mais mulheres pretas. Temos condições de sermos ainda mais autênticos e inovadores se descolarmos do que é produzido no mundo, mas para isso a gente precisa ser mais plural”.

@simone.quintas



RENATA

Retrato: Marcelo Magrini

JORNALISMO, COMUNICAÇÃO SOCIAL, MODA E CINEMA constam no diversificado histórico acadêmico da empresária capixaba Renata Malenza. Mas o destino – e um apelo afetivo da família que atua no ramo – assentaram seu lugar frente ao grupo minerador Corcovado (extração), sob o qual atuam Brasigran (beneficiamento e comercialização de chapas) e Brasigran Home (linha artística para a casa). “Hoje somos a única empresa do segmento com produção 100% verticalizada, atendendo o mercado desde o fornecimento do bloco bruto até o produto final”. No total, o business sob seu comando criativo conta com 700 funcionários e atua em 15 diferentes países exclusivamente com pedras brasileiras – granitos, mármore e quartzitos, “extraídas de pedreiras próprias”,

ênfata. Atualmente Diretora de Marketing da Brasigran, Renata explica que, para muito além dos afazeres em relações públicas e lapidação da imagem da marca, seu coração verde no caminho da inovação: “Fomos a primeira empresa brasileira do ramo a investir em máquinas italianas que realizam cortes especiais em 3D. Não satisfeita, há um ano decidi investir em maquinário para acabamentos – hoje temos pedras com textura de verdade, livres de preenchimentos. Sempre busco a inovação. Minha mente e meu espírito não me deixam descansar”.

@brasigran



MALENZA

ANA MARIA VIEIRA SAIITOS

UMA DAS GRIFES MAIS RESPEITADAS QUANDO SE TRATA DE

HIGH DÉCOR NO BRASIL, ela figura entre famílias que há três gerações confiam as narrativas de suas residências ao seu compasso. Famosa por assinar projetos de longas metragens para casas de campo, de praia ou após de mais de mil metros quadrados nos bairros mais nobres de Sampa, Ana Maria pavimentou a estrada para todas as arquitetas da nova geração. Um dos seus trunfos é o desenho preciso feito à mão livre que aprimorou nos estudos com estrelas do gabarito de Alberto da Veiga Guignard, Edith Behring, Maria Helena Andrés e John Friedlander. “Arquitetura e decoração realizam sonhos, sonhos estes de viver bem em qualquer lugar. Como profissionais, nos cabe a tarefa deliciosa de colocar em prática o desejo de cada cliente. Adoro projetar, decorar e dar às pessoas esta felicidade”, conclui.

@anamariavieirasaitos



Retrato: Fernando Fialdini

MARCELA PENTEADO



Retrato: Victor Freitas; Foto: Renato Navarro

A PAULISTANA MARCELA PENTEADO RELEMBRA QUE A ARQUITETURA EM SUA

VIDA “SEMPRE ESTEVE PRESENTE”, tanto por meio do seu pai que a levava, criança, para passear na CasaCor; como por meio do seu avô paterno, Alessandro Bordini, diretor do Liceu de Artes e Ofícios – “meu avô mobiliou a fazenda com móveis feitos por designers do Liceu”, revela. Entusiasta de nomes como Kelly Wearstler, Lygia Clark, Lucio Fontana, Marcio Kogan, Peter Eisenman, Alexander Calder e Arthur Lescher, Marcela entende que o seu segmento não é só sobre construir espaços – trata-se de uma ciência que determina a qualidade de vida e o conforto das pessoas. “A arquitetura influencia nossa conexão com o mundo ao redor”, resume. Ex-aprendiz de João Armentano e David Bastos, foi sob as bênçãos do carioca mais baiano do metê que ela conheceu seus ex-sócios com quem criaria o extinto Triart, escritório que fez história com suas efervescentes incursões em CasaCor até a recente dissolução que levou Marcela a percorrer carreira solo – assinou um dos espaços mais elogiados da última edição da mostra. “Projetar, para mim, foi sempre muito natural, nunca tive insegurança em relação a isso. Assim, meu maior desafio foi garantir que minha equipe anterior me seguisse – e também manter o foco em que tudo daria certo, como deu”.

@marcelapenteado.arquitetos

GABRIELA DE MATOS

NATURAL DO VALE DO RIO DOCE, MINAS

GERAIS, a arquiteta e urbanista é curadora do Pavilhão do Brasil na Bienal de Arquitetura de Veneza (2023). Quer mais? O projeto conceituado em parceria com Paulo Tavares ganhou um Leão de Ouro como Melhor Participação Nacional. A pesquisadora do racismo estrutural e suas influências no planejamento urbano é mestranda do Programa Diversitas da (FFLCH) da USP. “Não acredito que a mulher precise estar na arquitetura e no design por algum motivo específico. Creio que nós mulheres precisamos estar em todos os lugares que quisermos na sociedade, pelo simples fato de existirmos, e de termos direito de sermos compreendidas enquanto agentes ativas na produção de conhecimento. Se o design e a arquitetura ainda possuem baixa representatividade feminina, esses dados revelam uma grande falha na perspectiva que domina sua produção, isto é, a masculina, que exclui mulheres, sobretudo negras, indígenas e trans”, revela a autora do livro “Arquitetas Negras”.

@gabdematos



Retrato: Divulgação; Foto: Rafa Jacinto

ARYSTELA ROSA PAZ



NASCIDA EM SÃO PAULO, ARYSTELA ROSA PAZ ESTUDOU UM TANTO DE ARQUITETURA

e outro de design de interiores, mas trocou a graduação pela labuta. Quando decidiu assumir a sua FAS Iluminação, sem falar inglês ou alemão, com a cara e a coragem, voou até a Europa para convencer Ingo Maurer (1932-2019), a maior lenda do design luminotécnico, a firmar uma nova parceria. Em 2010, quando seu business singrava de vento em popa, levou um golpe do destino: um incêndio converteu seu negócio em cinzas. “Quando cheguei, as labaredas haviam consumido

mais de 90% do espaço. Fiquei num estado catatônico”. O seguro estava vencido e o prejuízo orbitava na casa dos R\$2 milhões. Arystela ressurgiu tal e qual a fênix: “Contei com amigos, clientes e principalmente com a força da minha irmã, a Yara Rosa, que voltou dos EUA para me ajudar”. Inteligente, consistente e linda, sem carão, emana certo ar de fragilidade que os insiders do mercado entendem ser a antítese de quem ela realmente é: uma das maiores potências no segmento. É a única com licenciamento de grifes como Davide Groppi e Santa Colé. “Meu sonho era ter um espaço exclusivo para o Ingo Maurer no Brasil, já que sempre o considerei um gênio”, conta. Ah, e a quem interessar possa: sim, Arystela é a mulher do todo-poderoso Bernardo Paz, criador do Inhotim, maior centro de artes a céu aberto do mundo, lá em Brumadinho, nas Minas Gerais. Pura coisa de acender – e reacender, quantas vezes for preciso. @fasiluminacao

Retrato: Christian Malheiros

MARIA MONTEIRO

FUNDADORA DO ESPAÇO EXPERIMENTAL DE RESIDÊNCIA ARTÍSTICA PHOSPHORUS (2011-2014), NO CENTRO DE SÃO PAULO

, Maria inaugurou em 2014, no mesmo local, a Sé Galeria, uma artist run gallery composta por um time com sólida trajetória artística e acadêmica e que, em sua maioria, adentrou o mercado de arte por meio do projeto. A Sé Galeria, hoje, funciona em uma casa modernista de Flávio de Carvalho, nos Jardins. Como galerista, ela aposta em projetos que privilegiam o pensamento crítico e conceitual. E nas práticas artísticas, explora as relações entre os dois ofícios por meio de objetos, desenhos, instalações, vídeos e outros. “São duas visões muito distintas, a de artista e galerista. É fato que historicamente há mais mulheres ocupando o espaço de galerista, porém, isso não acontece com as artistas. Ainda há um longo caminho de inserção, inclusive de artistas históricas pouquíssimo mostradas no Brasil. Agora há uma terceira visão, que é a minha como mulher: o mercado da arte pertence a uma bolha muito restrita e exclusiva, portanto, não acredito que estamos (ainda) em um momento de celebração. Isso só se concretizará quando houverem mulheres em diversas posições de poder: na política, no poder público, na direção de empresas. Só assim poderemos imaginar uma mudança efetiva em relação aos problemas estruturais da nossa sociedade, sendo o machismo, junto com o racismo, os que mais merecem reparação urgente”.

@mariamontepassos



Retrato: Aurora Ligero

A CURADORIA E A PARABÓLICA DA EMPRESÁRIA SÃO DIGNOS DE NOTA ALTA NO MERCADO DO HIGH DÉCOR

devido à sua habilidade em antecipar tendências e capturar o novo. À frente da Firma Casa, criada em 1994, ela foi grande apoiadora dos brothers Campana desde o início da carreira, quando eles ainda não tinham nenhuma projeção internacional. A valorização do design original e seus criadores sempre esteve no cerne da filosofia de Sonia (o nome de sua marca vem do italiano “casa com assinatura”), que contribuiu significativamente para promover a cultura do design em São Paulo, especialmente na época em que o tema era pouco discutido no Brasil. “Em todas as áreas, a presença da mulher é super importante, pela sua sensibilidade e pelo seu olhar diferente. Nos últimos 30 anos, o mercado de decoração e design no Brasil passou por uma grande transformação, com avanços significativos tanto em termos de designers quanto de fábricas, que se superam constantemente. O meu papel tem sido o de motivar, propor e acompanhar novas ideias, trabalhando em colaboração com criativos, arquitetos, decoradores e o público em geral para oferecer design contemporâneo”.

@firmacasa

Retrato: Fernando Sabbag

SONIA DINE



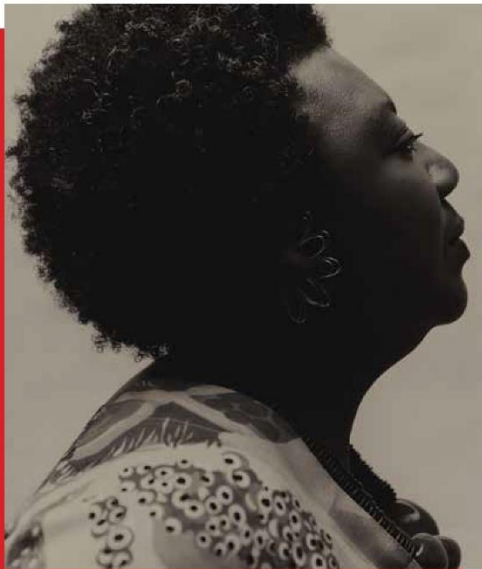
LÍVIA PEDREIRA

PIONEIRA, JORNALISTA E MESTRE ACADÊMICA, LÍVIA PEDREIRA CARREGA ENORME BAGAGEM EM SEU HISTÓRICO CULTURAL-PROFISSIONAL:

uma das fundadoras da legendaria revista AU, no final dos anos 1980, colaborou com grandes mídias que vão desde Folha e Estadão passando por segmentadas como Casa Vogue e Casa Claudia até Arquitetura & Construção – a partir desta última, alçou voo ao posto de Publisher do núcleo Casa na editora Abril. Autora de livros e criadora de prêmios (a exemplo de Planeta Casa e O Melhor da Arquitetura), assumiu, em 2014, o reposicionamento de CasaCor até que, em 2020, foi eleita Presidenta do Conselho Curador da mostra. “Uma posição mais estratégica e menos operacional”, comenta sobre o ofício cujo prazer reside em orquestrar a diversidade, a inclusão e a responsabilidade social da seleção curatorial que, segundo Livia, tem como finalidade enriquecer a mostra e ampliar suas fronteiras. “Arquitetura é a poesia do espaço, um balé de sombra e luz”, resume. “Arte é provocação, fruição, uma possibilidade de transcendência”.

@livia_pd

Retrato: Divulgação



**ROSANA
PAULINO**

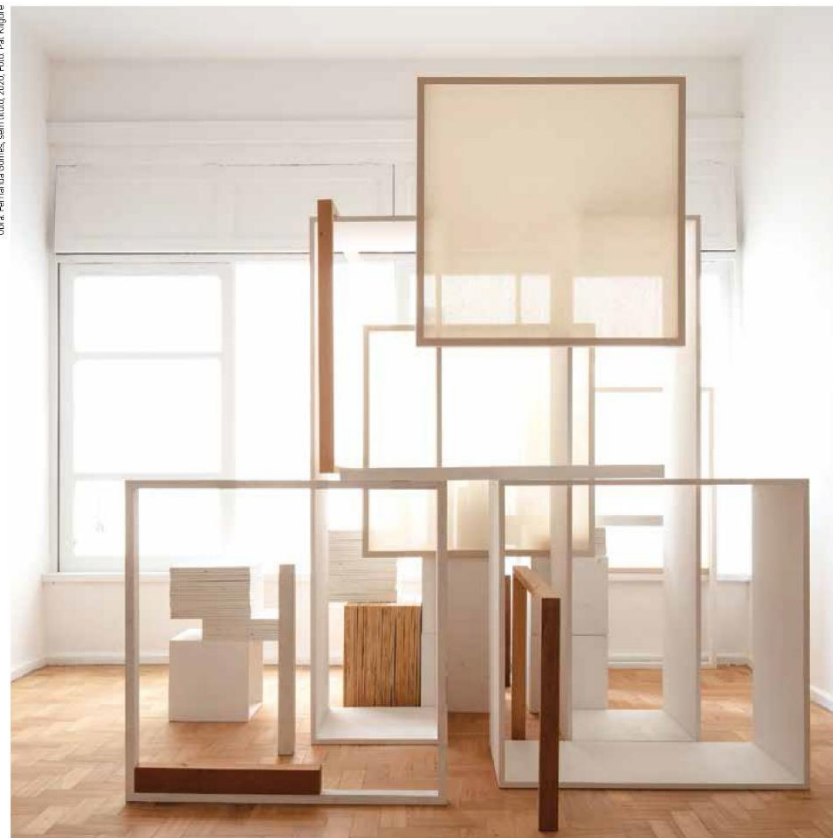
A ARTISTA PLÁSTICA, PESQUISADORA E EDUCADORA ASSINA A OBRA DE MAIOR DESTAQUE DA 35ª BIENAL DE ARQUITETURA DE SÃO PAULO.

É paulistana com doutorado em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo e especialização em gravura pelo London Print Studio. Em seu trabalho evidencia as questões sociais, étnicas e de gênero com foco especial na condição das mulheres negras na sociedade brasileira e nos vários tipos de violência sofridos por essa população devido ao racismo e ao legado de quase quatro séculos de escravidão. “O Brasil tem algumas peculiaridades, temos uma crescente presença de mulheres desde o modernismo nas áreas da arte e da criação, mas gostaria de fazer um parêntese, pois só agora as mulheres negras e indígenas estão acessando este território. Num primeiro momento temos um predomínio de mulheres brancas. A produção das mulheres no campo das artes é imprescindível porque ela precisa ser o reflexo da sociedade na qual ela está inserida, se você não tem 50% da população produzindo, você está com algum problema, essa arte deixa de ser representativa e passa a ser a demonstração de ideais de determinados grupos. Então é extremamente importante que a produção feminina apareça, esteja, venha e coloque sobre a mesa questões que não são cotidianamente discutidas”.

@rosanapaulino.oficial

Retrato: Rodrigo Ladeira

Obra: Fernanda Gomes, sem título, 2020. Foto: Pat Kilgore



LUISA STRINA

FIGURA BRASILEIRA MAIS PRESTIGIADA NO CIRCUITO INTERNACIONAL, a fundadora da galeria que leva seu nome e que completará 50 anos em 2024, tem papel fundamental na edificação da arte contemporânea no Brasil ao lançar nomes poderosos como Tunga, Antonio Dias, Waltercio Caldas e Leonilson, bem como Cildo Meireles, Anna Maria Maiolino, Fernanda Gomes e Renata Lucas, que seguem representados por sua galeria. A marchand foi a primeira latino americana a ser convidada a participar da feira Art Basel, na Suíça, em 1992, e teve papel significativo para a internacionalização dos artistas brasileiros. “As mulheres tiveram papel importante na criação do mercado de arte no Brasil. Quando abri minha galeria, na década de 1970, a maioria dos marchands eram mulheres e, ainda hoje, algumas das principais galerias atuantes no país são lideradas por mulheres. Eu, pessoalmente, tive exemplos de mulheres extraordinárias que influenciaram minha carreira, como Lina Bo Bardi, cuja obra começou a ter o devido reconhecimento apenas na última década”, revela.

@luisastrina